

OS LIMITES DA BUSCA PELA EXCITAÇÃO: UMA ANÁLISE DO BOXE SEM LUVAS

Luiz Felipe Machado Pinto¹

Resumo: O ato de lutar esteve presente em diferentes momentos históricos. Elias e Dunning verificaram através do estudo das sociedades ocidentais, que estas manifestaram ao longo do tempo, uma necessidade de extravasar tensões, sendo o esporte uma alternativa civilizada e simbolicamente segura para tal. Um dos processos que acompanha a esportivização é a redução da violência, dentre seus simbolismos, com a introdução de equipamentos de proteção. A partir de 2018 ganha notoriedade o Boxe sem luvas, através do evento BKFC, modalidade esta que parece caminhar em sentido contrário a construção de civilidade proposta por Elias. Os objetivos do presente estudo são os de analisar um destes combates e a partir dele, refletir sobre as possíveis construções sociais acerca de civilidade e violência. A fim de cumprir os objetivos propostos, analisou-se uma das lutas promovidas pelo evento BKFC através da técnica de análise fílmica. Os meios de comunicação na contemporaneidade, com fins de consumo, ditam o que é ou não civilizado, repercutindo não apenas na visão dos espectadores e praticantes sobre o que seriam as artes marciais e esportes de combate, mas sobre suas construções acerca da violência.

Palavras-chave: Violência; Boxe; Boxe sem luvas; Civilidade

The Limits of the Search for Excitation: An Analysis of Boxing Without Gloves

Abstract: The act of fighting was present in different historical moments. Elias and Dunning verified through the study of Western societies, which they manifested over time, a need to vent tensions, with sport being a civilized and symbolically safe alternative for this. One of the processes that accompanies sportivization is the reduction of violence, among its symbolisms, with the introduction of protective equipment. From 2018 on, bare-knuckle boxing gains notoriety, through the BKFC event, a modality that seems to go in the opposite direction to the construction of civility proposed by Elias. The objectives of the present study are to analyze one of these combats and from it, reflect on the possible social constructions about civility and violence. In order to fulfill the proposed objectives, one of the fights promoted by the BKFC event was analyzed through the film analysis technique. The media in contemporary times, for consumption purposes, dictate what is or is not civilized, impacting not only on the view of spectators and practitioners about what martial arts and combat sports would be, but on their constructions about violence.

Keywords: Violence; Boxing; Boxing without gloves; Civility.

¹ Centro de Estudos e Pesquisas em Lutas, Artes Marciais e Esportes de Combate, da Universidade Federal Fluminense (CEPLAMEC - UFF) Email.: l.felipemachado@gmail.com

Introdução

O ato de lutar esteve presente em diferentes momentos históricos. Dentre as manifestações referentes as lutas, há artes marciais que surgiram como defesa pessoal e de territórios. Em outras sociedades, estas lutas eram utilizadas de maneira ritualizada, em cerimônias e festas religiosas, por vezes como esporte e jogo e na contemporaneidade, ainda como prática de manutenção da saúde (ANTUNES, 2016; IWANAGA; MARANHÃO NETO, 2013).

A literatura verifica três grandes dimensões conceituais, as quais se relacionam a estas construções corporais envolvendo técnicas de ataque e defesa: artes marciais, lutas e esportes de combate. O termo arte marcial é utilizado de maneira mais abrangente, por vezes aproveitado como um termo guarda-chuva. Bonatto e Darido (2011) distinguem esta dos demais, propondo que para uma modalidade ser considerada arte marcial, em sua matriz devem estar presentes, além das técnicas de luta, elementos históricos mais profundos, construções acerca da defesa pessoal e até mesmo um cunho filosófico agregado (BONATTO; DARIDO, 2011). Ao que tange as lutas, Correia e Franchini (2010) apresentam o termo como polissêmico, podendo aludir a luta de classes, dos trabalhadores entre outras, mas que na dimensão dos embates corporais, pode referir-se ao ato de subjugar o sujeito através de conflitos interpessoais (CORREIA; FRANCHINI, 2010). Por fim, os esportes de combate são uma manifestação, através de regramentos, destes combates corporais (BONATTO; DARIDO, 2011). Na contemporaneidade, os ditos “esportes de combate”, se caracterizam pela gestão por instituições esportivas, como federações e confederações, as quais lhe agregam o pretense caráter civilizador, o título de esporte.

No artigo de Oliveira (2022), ao analisar a histórica relação entre esporte e violência através das torcidas, demonstra que em diferentes momentos o ato de torcer e a forma desta manifestação, mostrou-se mais violenta que a própria prática esportiva. Elias e Dunning (2019) verificaram através do estudo das sociedades ocidentais, que estas manifestaram ao longo do tempo, uma necessidade de extravasar suas tensões, sendo estas provocadas pelo próprio modo de vida em sociedade e a seu ver da própria natureza humana. Dentre as formas de manifestar esta busca, a excitação provocada pelo esporte gerou, e ainda gera adeptos, sendo estes na condição de praticante e ou espectador. Para os autores o contexto esportivo verificava o equilíbrio entre o socialmente

aceitável e o perigosamente controlado, o qual saciasse ao menos em parte, este ser social. Para tal, a fim de proporcionar maior segurança e por vezes, demonstrar um distanciamento da violência de diferentes práticas corporais, equipamentos de proteção, instituição de tempo e outros regramentos, passaram a fazer parte destas práticas esportivas, dentre elas, as lutas, ou neste contexto, os esportes de combate. A este processo Montenegro (2021) chama de esportivização. O conceito de esportivização é explorado ainda por outros autores como Bourdieu (2003) e Gutmann (1978), os quais apontam características da transformação de diferentes atividades em esporte, como os treinamentos sistematizados e registro dos recordes, caracterização da prática como laica, a burocratização através das instituições centralizadoras, dentre outras.

Publicado originalmente sob o título de *Über den Prozess der Zivilisation*, em 1939, a obra que em língua portuguesa traduziu-se como “O processo civilizador”, corresponde a Norbert Elias. Elias (1994) apresenta nesta, a ideia de construção da civilidade através de um processo, o qual se desenvolve inicialmente em paralelo, ao conceito de cultura. O autor analisa as construções acerca do que seria civilizado e em especial, quem ditaria o que é civilizado. Muito do que foi exposto por Elias (1994) é atribuído ao papel estatal, que no período analisado pelo mesmo, correspondia aos hábitos e costumes da corte. Apesar desta pretensa regulamentação do certo e errado, em relação aos pares e subordinados na sociedade, vê-se como característica presente nos diferentes exemplos citados ao longo da obra, uma tendência de redução da exposição de hábitos de higiene, sexuais e em especial no presente artigo, a contenção da violência. Na obra *A busca pela excitação* (2019), escrita em parceria com Eric Dunning, o esporte esteve presente de maneira mais clara no processo. Elias (2019) busca explicações acerca da violência nos esportes e atribui a desigualdade social, dentre outras como responsável. Assim, a violência seria uma manifestação das classes mais pobres, oriunda da necessidade de ser visto e ouvido por uma sociedade elitizada que os trata como inferiores. O grito, a briga são manifestações dessa violência, a qual tem no empoderamento sua função.

Ainda quanto ao tratar da violência nos esportes, Dunning (2019) apresenta o esporte como um local de limites para o extravasar esta violência, mesmo que até certo ponto, simbólica.

[...]numa sociedade onde existe um elevado grau de ligações funcionais, os desportos de luta, como o rãguebi, o futebol e o boxe, constituem um enclave sócial onde se definem formas específicas de violência legítimas sob o ponto de vista social. Esses desportos são representações ritualizadas e civilizadas de combates em que o uso da força física é limitado por regras e convenções e controlado, de forma imediata por agentes específicos, como árbitros e, a um nível superior, por comités e tribunais estabelecidos por corpos dirigentes nacionais e internacionais (DUNNING, 2019, p. 470).

Apesar de amplamente utilizada por diferentes teóricos, a teoria civilizatória de Elias possui muitos críticos. Curto, Domingo e Jerónimo (2019) apresentam diferentes críticas feitas a teoria civilizatória de Elias. Fatos históricos como o holocausto e as guerras santas, apresentam uma sociedade cada vez mais violenta e sedenta por violência, a qual parece não corroborar com o processo de civilidade. A ideia de uma evolução através da civilidade se apoia ainda, no afastamento da violência através dos costumes, no entanto, esta violência se apresenta de maneira progressiva, inclusive manifestando-se através dos esportes. Dentre as críticas mais constantes, dá-se devido a ideia de processo, que parece a primeira leitura, linear. Como se, de maneira progressiva, nos tornássemos civilizados através do controle destas pulsões de violência e adequação dos costumes de maneira uniforme. Vê-se, no entanto, um movimento ondulatório, no qual em diferentes momentos a violência contida, limitada e institucionalizada, em especial nos esportes, sofre recessos evidentes, principalmente ao atentar contra o próprio processo de esportivização (MONTENEGRO, 2021). A este processo não fogem os esportes de combate, os quais possuem também em seu cerne, a violência necessária a defesa pessoal.

Acompanhando o processo de esportivização dos combates corporais, apesar de ainda traumático, a inserção das regras e em especial dos equipamentos de proteção, promove entre atletas e espectadores uma sensação de segurança. Visto que as artes marciais e esportes de combate, na contemporaneidade, são oferecidas como alternativa de exercícios físicos, como promessa de que através dessa, haja a manutenção de uma vida saudável (IWANAGA; MARANHÃO NETO, 2013). No entanto, com ampla difusão midiática, modalidades competitivas as quais são apresentadas no âmbito dos esportes de combate, ganham notoriedade. Dentre suas formas de promoção, a violência é uma constante, inclusive aludindo a práticas extintas. Na contemporaneidade falamos

do Boxe sem luvas, a qual tem no Boxe sua proximidade com o mundo esportivo e no pugilato, seu referencial de violência agregada.

O Pugilato é tida como uma das mais antigas manifestações de combate. O ato de combater somente com as mãos, transitou ao longo da história de defesa pessoal a espetáculo esportivo. Considerada uma das mais violentas formas de combate, desenvolveu-se na Grécia clássica e inicialmente era praticado com as mãos nuas, passando a inserção de tiras de couro para as mãos, as quais evoluíram, transformando-se em uma espécie de luvas denominadas *Cestos* (GODOY, 1996). A partir do entendimento de sua violência extrema, o próprio contexto evoluiu, vendo na proteção corporal um adendo a prática como esporte. Assim como em diferentes contextos esportivos, vê-se como evolução atos de redução da violência em prol da aproximação com a prática esportiva. Apesar de haver aproximações do Pugilato ao Boxe, seu embasamento é frágil e não procede, visto que diferentes autores agregam o Boxe, desde seu surgimento, a categoria de esporte (GREEN, 2021).

Sancionado nos Estados Unidos desde o ano de 1889 (BKFC, 2022), o *Bare Knuckle fighting Championship* (BKFC) ganha visibilidade midiática a partir de 2018 (STAR BRASIL, 2022), o qual de acordo com o site Combate

[...] tem sido o evento de maior sucesso no boxe sem luvas, e tem seguido a fórmula de atrair lutadores aposentados do MMA para seus eventos. Entre os lutadores com passagem pelo UFC que se apresentaram no BKFC, estão nomes como Alan Belcher (não lutava desde 2013), Ricco Rodriguez (lutou na organização aos 40 anos), Chris Lytle (lutou em 2018, não lutava desde 2011) e Chris Leben (na organização desde 2018, não lutava desde 2013), entre outros (COMBATE, 2021).

Dentre as características marcantes no BKFC é possível verificar a abundância de sangue envolvido nas disputas e a própria deformidade facial, mais constante e evidente que no próprio Boxe. Ao refletir sobre as bases do processo civilizatório proposto por Elias (1994) e a própria conversão, dos objetivos bélicos das atividades de luta para o contexto esportivo, parece haver uma regressão do processo de esportivização. Não apenas pelo fato de retirar-se as luvas, mas pela aceitação social do fato. Ao se reduzir os equipamentos de proteção (Boxe sem luvas), assume-se que o pretense equilíbrio entre excitação e civilidade, provocada pelo Boxe com seus respectivos equipamentos de proteção, não mais é satisfatória. Aos padrões contemporâneos civilizatórios, a modalidade

em questão aproximara-se do Pugilato e outras disputas, oriundas de sociedades deveras mais tolerantes a violência que a atual. Ao menos até então.

Vê-se no espetáculo contemporâneo, promovido pelos esportes de combate e em especial pelo BKFC, contornos até então pretensamente extintos aos olhos do público, onde a possibilidade de morte é ainda mais real e comercial. Há de se refletir que como em outros produtos midiáticos, em especial nos combates midiáticos (UFC, Belator, *Jungle fight* dentre outros), o público, os espectadores, são o termômetro. Portanto se há investimento em marketing, em mídia e patrocinadores é um indicativo de que há consumidores (NETO *et. al.*, 2021).

A partir do exposto até então, se faz necessário refletir sobre conceitos como esporte e civilidade e a relação contemporânea entre os mesmos. É possível que haja um novo processo civilizatório nos esportes, não mais caracterizado pela inserção de regras, mas pela presença da mídia? Seriam então os meios de comunicação os responsáveis por atribuir significados ao que é ou não civilizado? A partir destes questionamentos, os objetivos do presente estudo são os de analisar um destes combates e a partir dele, refletir sobre as possíveis construções sociais acerca de civilidade e violência envolvidas no Boxe sem luvas.

Métodos

A fim de cumprir os objetivos propostos, analisou-se uma das lutas promovidas pelo evento BKFC. A luta em questão se deu entre Mike Richman e Isaac Doolittle, transmitida no dia 15 de outubro de 2022, edição 31 do referido evento. A luta foi selecionada por conveniência, sendo o autor do presente estudo assinante da plataforma Star+, um dos canais de veiculação do BKFC. A seleção da luta em questão se deu ainda, por ser a luta principal, dando nome ao evento: “BKFC 31 Richman vs Doolittle”, sendo este o evento mais recente disponibilizado pela plataforma, até o período de realização da análise.

A análise foi realizada através da técnica de análise fílmica de Vanoye e Goliot-Leté (2012). De acordo com Vanoye e Goliot-Leté (2012) a ferramenta de análise fílmica, para além de analisar filmes, na íntegra ou em partes, pode ser utilizada para a análise de peças publicitárias, curtas metragens, clipes e outros os quais possuam aspectos de produção fílmica. Os eventos contemporâneos voltados aos esportes de combate, são promovidos, elaborados e realizados de

maneira teatralizada, visto o show e o agrado aos espectadores, de maior importância que as lutas em si (PINTO; ANTUNES, 2021). Os mesmos possuem uma narrativa, atores e outros elementos próprios de um roteiro, tornando a utilização da ferramenta de análise fílmica, para decomposição e posterior análise do evento BKFC relevante.

Analisar um filme ou um fragmento é antes de mais nada, no sentido científico do termo, assim como se analisa, por exemplo, a composição química da água, decompô-lo em seus elementos constitutivos (VANOYE; GOLIOT-LETÉ, 2012, p.14).

Uma segunda fase consiste, em seguida, em estabelecer elos entre esses elementos isolados, em compreender como eles se associam e se tornam cúmplices para fazer surgir um novo significante[...] (VANOYE; GOLIOT-LETÉ, 2012, p.15).

No método de análise fílmica proposto por Vanoye e Goliot-Leté (2012), a fim de permitir a análise da obra, se faz necessário a ordenação das ações metodológicas. Assim, inicialmente, foi realizado o procedimento de decupação, o qual caracteriza-se pela seleção de uma cena ou trecho de interesse a ser analisado (VANOYE; GOLIOT-LETÉ, 2012). Após descrição e observação da cena a qual se quer analisar, a atenção foi destinada aos seguintes pontos de análise: O cenário, os personagens, a direção ou encenação e por fim o ritmo (VANOYE; GOLIOT-LETÉ, 2012).

A análise da luta

A análise da luta se deu a partir das 03 horas 35 minutos e 52 segundos (03:35:52) de transmissão do evento, período este caracterizado especificamente pela transmissão da luta entre Mike Richman e Isaac Doolittle. De maneira introdutória, o evento apresenta uma característica de espetáculo, que de acordo com Debord (2016) [...] “não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens”, expressada pela entrada dos atletas, acompanhadas de luzes, música e gritos dos espectadores. A luta conta com um árbitro central, responsável pelas interrupções diretas na luta, assim como a aplicação de faltas e sinalização de *knockdowns*. O combate é transmitido pelo site do evento, retransmitido pela plataforma Star+. Assim as chamadas dos atletas e seu anúncio são feitos em língua inglesa, por parte do evento, enquanto os comentários são feitos em português, por parte dos narradores do Star+. A seguir serão apresentados, de maneira descritiva, os tópicos elencados na técnica

de análise fílmica de Vanoye e Goliot Leté (2012), sendo eles: cenário, os personagens, a direção ou encenação e por fim o ritmo.

O cenário

Luzes e efeitos de fumaça se alternam durante a entrada dos lutadores. Um ringue circular, mas ainda com cordas, foge do tradicional ringue de quatro cantos do Boxe. Para a entrada dos lutadores, todas as luzes do local se apagam e em seguida, apenas fechos de luzes vermelhas iluminam o ambiente, em especial o ringue. Para a entrada dos lutadores, destaca-se a mudança no ambiente, o que é proporcionado por uma música para cada entrada, assim como a mudança de coloração das luzes para cada lutador. O primeiro a entrar é apresentado a partir de música instrumental, ritmada no estilo *rock and roll*, ao som de guitarras, sendo a coloração de luzes vermelha mantida. Para a entrada do segundo lutador, há mudança na música, apesar de seguir o mesmo estilo (instrumental e *rock and roll*), no entanto a iluminação para a entrada deste é feita em azul.

Os personagens

Dois lutadores profissionais se enfrentam: Isaac Doolittle e Mike Richman. O primeiro, Isaac Doolittle de 31 anos, apelidado como *The Honey Badger* (o texugo de mel) possui um cartel no evento de 3 vitórias, 1 derrota e nenhum empate (3-1-0). O lutador possui 175 cm de altura e 83 kg. Em sua entrada até o ringue, o mesmo vestia um casaco preto com capuz, característico de lutadores de boxe e um short, também na cor preta. Ao longo do combate, permanece com short na cor preta, agora despido do agasalho e sem camisa, utiliza detalhes distintivos de cor vermelha nos punhos. O segundo lutador a adentrar ao evento é Mike Richman. Apelidado de *The marine* (o marinheiro, aludindo as forças especiais da marinha dos Estados Unidos), detém um recorde no evento de 4 vitórias, nenhuma derrota e nenhum empate (4-0-0). O lutador pesando 79.4 kg, com 170cm de altura, encontra-se com 37 anos. Após a entrada no ringue, para o decorrer do combate, este trajava um short tigrado em amarelo e preto, sem camisa, com detalhes distintivos sob o punho, na cor azul.

Para anunciar os lutadores, o *anouncer* Jeff Houston não possui uma descrição pormenorizada no site do evento BKFC. No entanto, a fim de

caracterizar o personagem em questão, segue a descrição profissional do mesmo, disponibilizada em sua rede social profissional LinkedIn:

Jeff Houston é um dos principais locutores de ringue do mundo hoje, com 19 anos de experiência em nível de elite, tendo representado 85 organizações de esportes de combate em mais de 40 estados e mais de 40 países com eventos vistos ao vivo em PPV global, Bare Knuckle TV, Showtime Boxing, UFC Fight Pass, ACA PPV, CBS Sports Network, Fox Sports One, DAZN, AXS TV, HDNet Fights, Stadium, Bally Sports Network, FloSports, ESPN Friday Night Fights, Fox Deportes, HBO Latino, LATV, SKY Sports International, Super Action Channel Coréia, MBC Sports Plus, AfrecaTV, CCTV-5, Fight Network e Match TV (LINKEDIN, 2022a).

Na ocasião da luta, o *announcer* trajava terno e gravata, sendo o primeiro em vermelho e preto, com calça na cor preta. Dentre as características de seu papel, está o de animador da plateia. À medida que anuncia os lutadores é possível notar o aumento do tom e ritmo de sua voz, a fim de causar furor nos espectadores.

O próximo personagem é o árbitro, Dan Miragliotta. De acordo com o site IMDb

Ele começou a treinar artes marciais quando quebrou duas vértebras após um acidente de wakeboard. Ele começou o Karate aos 14 anos para recuperar suas habilidades físicas. Agora é faixa preta em Shito Ryu Karate e faixa preta 5^o Dan em Kenpo Karate. Ele também treina luta de tiro e Muay Thai, e é faixa azul de Jiu-Jitsu. Árbitro de artes marciais mistas, do UFC, e já julgou mais de 70 eventos. Retratou um motociclista alto e careca em Daredevil. (IMDb, 2022)

Apesar de deter diferentes passagens em eventos de renome como o UFC e Belattor, poucas informações profissionais e pessoais são encontradas na rede sobre Dan Miragliotta. Durante a luta, o árbitro trajava calça e camisas na cor preta, e luvas em modelo cirúrgico, também na cor preta. Os demais personagens da cena, como juízes laterais, auxiliares e treinadores não compunham diretamente o cenário, sendo dispensáveis, neste momento, a análise.

Dois personagens importantes no contexto da luta são Hugo Botelho, na condição de narrador e Eduardo Ohata, na posição de analista. De acordo com seu perfil na rede social LinkedIn, o primeiro, se apresenta como narrador esportivo na ESPN, atuando como narrador, apresentador esportivo, mestre de cerimônias e locutor publicitário há mais de 26 anos (LINKEDIN, 2022b). Eduardo Ohata, de acordo com seu perfil na rede social LinkedIn, apresenta-se

como comentarista na ESPN. Atuando na empresa desde 2006 (LINKEDIN, 2022c). Aos 34 anos é jornalista do caderno Esporte da Folha e colunista de boxe há mais de 10 anos (FOLHA, 2022).

A direção ou encenação

É possível notar, apesar da impossibilidade em vê-los de maneira direta, a influência de um, ou mais, “diretores de cena”. Toda a entrada e apresentação dos lutadores seguem uma mesma norma, uma rotina, o que pode ser facilmente compreendido a partir das demais lutas do evento. No entanto, atentando-se especificamente a luta analisada, vê-se câmeras em diferentes pontos do ringue e da arena, com o claro objetivo de transmitir diferentes ângulos da luta aos espectadores presentes, através de uma série de telões disponibilizados sobre o ringue, assim como oferecer aos compradores de *Pay per views* uma experiência mais imersiva.

O ritmo da cena

A luta, que efetivamente começa aos 03:41:45 segundos, após o apertar de mãos entre lutadores, apresenta uma oscilação no ritmo. Lembrando que para a entrada dos lutadores, as luzes e sons são desligados e assim, este vem em uma crescente, até o momento de os lutadores chegarem ao ringue. Após, o ritmo é dado pelo *announcer*, sendo este o responsável por introduzir os espectadores no clima de animosidade que se mostra necessário ao furor dos presentes. A medida que as apresentações dos lutadores chegam ao fim, vê-se como momento ápice o nome e apelido dos lutadores, ou seja, a apresentação dos que ali representam a modalidade.

O primeiro round, com um ritmo moderado, se comparado a expectativa gerada pelo *announcer*. O primeiro round, de acordo com os narradores, possui o domínio de Isaac Doolittle, inclusive com um sangramento no rosto de seu adversário, ainda no primeiro minuto de luta, proveniente de um golpe. Nos últimos 20 segundos de luta, um sangramento nasal em Doolittle é anunciado pelos narradores, focalizado pelas câmeras e remetido aos telões, causa êxtase nas arquibancadas. O segundo round começa mais acelerado e com claro domínio de Doolittle, sendo que aos 58 segundos é possível ver o sangue abundante no rosto de seu adversário. À medida que a ferocidade dos golpes aumenta, o público reage

na mesma medida. O ápice desta excitação coletiva acontece aos 41 segundos do 2º round, quando Dolittle cai de joelhos, após receber um golpe no rosto. Restando 27 segundos para o término da luta, com Doolittle ainda no chão, o árbitro decreta a vitória de Richman. A transmissão, assim como a presente análise é encerrada aos 03:52:22 segundos.

Analisando o contexto: um show de violência?

A partir das descrições do evento, oriundas da análise fílmica é possível enxergar o caráter espetacular do evento. Apesar de diferentes alusões ao Boxe, este seria uma mera referência para a venda de uma modalidade com aspectos que diferem a partir da retirada das luvas.

O cenário em si, possui características que aludem a um espetáculo da *Broadway*, ou circense. Utilizando-se de luzes e músicas no estilo *rock'roll*, os promotores excitam seus espectadores, os quais nem mesmo ainda vislumbram a figura dos atletas, mas a energia do “ao vivo”. Em seu livro “A janela de vidro” (2003) Betti caracteriza diferentes técnicas de narração e promoção do conteúdo midiático através da televisão. Na categoria ao vivo, perante a tela da televisão, pretende-se através de uma linguagem específica e o ressaltar do sincronismo temporal, o enfatizar que algo que está sendo visto naquele momento pelo espectador em sua casa é visto no mesmo momento, por diferentes espectadores no local, presencialmente ou pela tela, em diferentes partes do mundo.

Ao adentrar os atletas, os personagens, a euforia é ainda maior e com o avançar do combate, com o aumento da violência explícita, os espectadores parecem não considerar a real chance de morte dos que ali lutam. Esta chance de morte é referida não apenas pelo contexto livre de luvas, mas ao próprio estado dos lutadores. Como dito na descrição do BKFC, muitos destes são ex-lutadores de grandes eventos, porém falta acrescentar ao texto que os mesmos estavam aposentados e que se encontram com idade superior à média de atletas profissionais de outros eventos. Em uma luta polêmica entre Justin Thornton e Dillon Cleckler, Thornton morreu em decorrência de um golpe recebido, após 19 segundos de combate. A matéria do site COMBATE (2021) relata o como são tratadas as questões de saúde pelo BKFC

[...] más prácticas que se tornaram comuns no boxe sem luvas, esporte em ascensão nos EUA. Entre elas, a idade e nível de habilidades dos

lutadores escalados, assim como a escalção de lutadores vindos de longos períodos de inatividade. "O comitê está especialmente preocupado que atletas competindo no boxe sem luvas estejam sob riscos maiores de lesões agudas e crônicas devido a esses e outros fatores".

[...] Thornton morreu aos 38 anos de idade com um cartel de seis vitórias e 18 derrotas em combates oficiais de MMA, e havia sido finalizado ou nocauteado em suas últimas cinco lutas antes de estreiar no boxe sem luvas.

Na obra *Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de Boxe*, o autor Loïc Wacquant levanta questionamentos sobre a frágil relação do estado ótimo de um lutador. Esta perpassa a mera qualidade física e técnica do atleta, se fazendo necessário equilibrar os ganhos para aqueles os quais trabalha e ou, com quem trabalha (2002). O lucro que retorna a aqueles que investiram tempo e dinheiro em sua carreira, pode ainda ser um incentivo, necessidade, para o retorno aos ringues. Mesmo que em condições inóspitas, suas dívidas reais, ou simbólicas, permanecem e devem ser quitadas, sendo sua única moeda de troca o que o autor denomina como "capital corporal" (WACQUANT, 2002).

Ainda quanto aos personagens, é clara a tentativa de aproximação do BKFC a eventos de sucesso como o próprio UFC, no qual recruta-se árbitros do mesmo e possui um *announcer* no melhor estilo Bruce Buffer (*announcer* oficial do UFC). Comentaristas profissionais, jornalistas, oriundos do Boxe, criam uma aproximação com esta modalidade. No entanto, estes se portam nas características do que Bourdieu definiu como *Fast Thinkers*, pensadores acerca de determinado tema, porém com status de especialistas, emitindo opiniões curtas e superficiais com fins de adequação ao tempo midiático, em detrimento ao caráter instrucional (BOURDIEU, 1997).

Os narradores e comentaristas são no contexto, a representação da voz da mídia. Suas opiniões são tidas como fatos, e como visto o poder midiático que alude ao poder estatal de outrora na construção de valores, influencia diretamente ao que é ou não violento. Os comentários acerca da abundância de sangue e o próprio estado físico pós-luta dos atletas é tido com normalidade, passando assim esta sensação ao espectador: "esta violência é aceitável, afinal é um esporte." Pires, Bungenstab e Lazzarotti Filho (2022) verificaram que o processo de espetacularização da modalidade, influencia não apenas seus espectadores, mas os praticantes da modalidade. Apesar de propagar e aumentaro número de adeptos, a mídia influencia diretamente na construção e

modificação de *habitus* (no sentido de Bourdieu) dos próprios praticantes (PIRES; BUNGENSTAB; LAZZAROTTI FILHO, 2022).

A direção do evento, faz o papel da massificação informacional. Uma das características midiáticas para controle e aceitação de determinada informação é a repetição da mesma, a massificação. Durante o evento, o espectador é inundado com informações em seus diferentes sentidos. Seus olhos não perdem um único momento da luta, reproduzida por telões sobre o ringue, coadunando com as informações e comentários dos narradores, somados a marcas de renome que patrocinam e agregam valor ao novo esporte. Tudo conduz o espectador a comprar e ou aceitar o que vê, como esporte, como espetáculo, como normal.

Em busca de excitação: entre o esporte e a violência

De acordo com o texto de apresentação do BKFC, disponível no Star+:

O Bare Knuckle Fighting (BKFC) apresenta os melhores lutadores profissionais estabelecidos no boxe, no MMA, no kickboxing ou no muay thai. [...]O Bare Knuckle Fighting Championship é um esporte de combate semelhante ao boxe, que apresenta lutadores tanto deste esporte, como de artes marciais mistas. Está sediado na Filadélfia e foi o primeiro evento sem luvas oficialmente sancionado (STAR BRASIL, 2022).

Apesar do site em questão apresentar o BKFC como um esporte, o que se vê é um espetáculo, com seu fulcro no entretenimento. O processo de esportivização almeja, dentre outros propósitos, pela construção de novos hábitos e o distanciamento da violência. O ato de boxear com as mãos sem proteção não é uma inovação, visto que há relatos anteriores ao período medieval europeu e a Grécia clássica (GREEN, 2001). O ato de combater, esportivamente, sem luvas é um processo retrógrado, tanto por parte da construção de uma modalidade esportiva, quanto da civilidade alcançada. Em diferentes regiões e épocas, apesar da violência dos combates é possível ver tentativas de proteção e adequação aos modos e costumes, respectivos a civilidade de determinada sociedade. Em especial quanto ao ato de lutar com as mãos, os gregos e egípcios usavam um capacete protetor, o qual os primeiros denominaram “Anfótido”, assim como tiras de couro nas mãos (GREEN, 2001).

A violência, o esporte e a sociedade, em diferentes ocasiões, caminharam em paralelo. Ao passo que o esporte por vezes se mostrava como um termômetro da permissividade e nível de aceitação da violência, na respectiva época. Em

especial nos esportes de combate, a violência que derivava das artes marciais, voltadas para a guerra e defesa pessoal, em diferentes regiões, fora adaptada para o esporte e entretenimento (DIAS, 2019), onde o nível de violência se adequaria a sensibilidade social, local e contemporânea. A civilidade de uma sociedade era representada por seus costumes, tendo por comparação ela mesma de outrora, ou sociedades as quais julgassem menos evoluídas (ELIAS, 1994).

A história da civilidade se mostra refletida pelos costumes e dizeres dos governantes, sendo este poder de governar formal ou não. Se em um primeiro momento as cortes ditavam os costumes e em consequência o que era civilizado, isto balizava o nível de violência, inclusive de seu entretenimento. Na Roma antiga, apesar de diferir-se por um sistema ditatorial, apoiada por seus diferentes governantes, o espetáculo dos gladiadores transitou de treinamento bélico, a apresentações em cerimônias fúnebres, aplaudido e acompanhado pelo povo, mesmo com suas decapitações, mortes e violência previstas (MATTHEWS, 2020). A esgrima, esporte em muito influenciado pelo período das cruzadas e guerras santas, derivada dos campos de batalha, tornou-se um esporte de cavaleiros, para cavalheiros (GREEN, 2001). O arco e flecha, um adendo deveras importante no contexto bélico, atribuído a exércitos de violência extrema como do próprio Ghenghis Khan, com o objetivo de ferir, por vezes de maneira fatal, em nossa contemporaneidade juntamente a esgrima, elenca o rol de esportes olímpicos. Assim é possível verificar que no avançar da história, diferentes construções bélicas caminharam em direção a esportivização, fenômeno este que pode ser atribuído em parte pelo sistema de governo regente, seus costumes, sua tolerância a violência e o próprio uso, ou desuso, de determinada técnica em combate. Se em um primeiro momento as cortes e governantes balizavam a violência socialmente aceitável, visto que estes eram os promotores e reguladores da informação, na contemporaneidade o poder sobre a moda e os conceitos sociais são em especial determinados pelos meios de comunicação e redes sociais, aos quais de maneira genérica, atribui-se a denominação de mídia.

Ao traçar paralelos entre o conceito de civilização e por conseguinte civilidade, iniciado por Elias em 1994, na obra “A busca da excitação” (2019), em parceria com Eric Dunning, esta ideia detém uma aproximação mais íntima do esporte. Em especial Dunning (2019), apresenta a pulsão humana a violência e tendo o esporte como uma maneira social de extravasá-la. Se em um primeiro

momento a prática esportiva o potencial simulador desta violência, ao que retornamos ao coliseu romano, o olhar é por vezes tão ou mais excitante, quanto a prática. Mídias como a televisão e com o potencial da internet, veiculam informação e entretenimento a nível global, e influenciam os conceitos culturais nos mais diferentes povos expostos a esta veiculação. No entanto, em um primeiro momento é possível ver uma íntima relação de poder e ditar dos governantes. Em um segundo momento, uma necessidade de agradar o povo e contemporaneamente, uma necessidade de agradar os anunciantes. Todo o mercado informacional precisa ser custeado e os comerciais de televisão, jornais, revistas e sites, na figura de empresas e seus representantes, são os novos e reais governantes.

Fabiani (2018) em seu texto “¿Violencia estética? Necesidad de un enfoque sistémico”, retrata o papel da violência em diferentes aspectos sociais, que se mostram extremamente vendáveis aos olhos da mídia, porém promovem aspectos imitativos por parte dos espectadores. Apesar de reconhecer que a ideia de uma linearidade entre assistir algo violento e praticar atos violentos não se sustentar, a normalização de atos violentos ainda é um problema, tão grave quando a promoção e a consequente imitação. Ao assumir-se atos de barbárie como normais e banais, não há o impulso de resposta e ao cessar da mesma, tão pouco o refletir sobre possíveis mecanismos de controle. Como visto até então no presente texto, o esporte por vezes foi utilizado como termômetro social da violência e por vezes como forma de extravasá-la em um ambiente controlado, o qual não permitisse que esta violência ultrapassasse seu espaço físico, esportivo e simbólico. Mas se a ideia de esporte é atrelada diretamente a violência, como se este fosse um fator basilar ao mesmo, o conceito de esporte e sua função, devem ser repensados.

No estudo de Borges e Porfilho (2021) ao buscar significados para o conceito de esporte, utilizam-se do modelo teórico dos campos semânticos (MTCS), técnica esta que de acordo com os próprios autores

[...]fundamentalmente busca identificar como são produzidos os significados em todas as atividades humanas. A ideia central é de que partir dessa análise será possível verificar se existem pontos de encontro entre os diferentes significados atribuídos ao esporte, bem como suas principais divergências” (BORGES; PORFILHO, 2021).

Como resultado do estudo de Borges e Porfilho (2021), diferentes visões, por diferentes autores são apresentadas: conceito brachtiano, por Valter Bracht (1997), no qual o esporte moderno possui como características centrais a racionalização e a busca pelo rendimento através da competição, sendo sua regulamentação feita por entidades esportivas e seu surgimento de acordo com o processo civilizatório na Inglaterra. A divergência de datas é vista no estudo, quando ao apresentar o posicionamento de Tubino (2003), no qual o mesmo entende o esporte desde a Grécia, com os jogos olímpicos, visão esta que consideraria jogos de guerra, inclusive passando pelos espetáculos romanos no Coliseu, que por vezes levavam a morte, como parte do cerne esportivo. Ainda na discussão, Kunz (1994) apesar de buscar discussões acerca da performance, defende a ampliação do conceito de esporte, inclusive possibilitando que atividades de menor complexidade fossem caracterizadas como tal. Destaca-se a presença do estado não apenas na regulamentação e utilização do esporte como ferramenta e como esta se faz presente no aumento, ou redução, da tolerância a violência. Ou seja, a tolerância a violência é sim um constructo e como tal, manifesta-se na manutenção do poder, porém contemporaneamente pode ser manifestada pela mídia.

Considerações finais

É possível que haja um novo processo civilizatório nos esportes, não mais caracterizado pela inserção de regras, mas pela presença da mídia. Visto que seu poder de difusão e massificação de informações, traz a normalidade condutas que outrora eram tidas como bárbaras, retrógradas e violentas. Os meios de comunicação na contemporaneidade, com fins de consumo, ditam o que é ou não civilizado, repercutindo não apenas na visão dos espectadores e praticantes sobre o que seriam as artes marciais e esportes de combate, mas sobre suas construções acerca da violência. Esta prática reforça estereótipos que permeiam espaços como a escola e a universidade, formadores por excelência de opinião, criando resistência por parte de gestores e educadores no desenvolvimento de propostas educacionais no qual envolvam esportes de combate.

Quanto a referência do Boxe sem luvas a categoria de esporte, viu-se que apesar deste apresentar-se, ao reduzir os equipamentos de proteção, no sentido contrário da esportivização e civilidade contemporânea, possui características do

cerne esportivo. Inclusive diferentes autores ao longo do texto, atribuem o status de esporte de combate a atividades e espetáculos históricos, tão ou mais violentos que o Boxe sem luvas. Assim a violência e a civilidade não seriam impeditivas da classificação como esporte.

Recomenda-se estudos adicionais, com abordagem de campo, acerca das repercussões do Boxe sem luvas e suas construções em populações mais suscetíveis a “verdade midiática”, como crianças e adolescentes. Buscando-se a necessidade de mecanismos de controle deste conteúdo e construção de ferramentas que tragam o discernimento dos mesmos quanto ao conteúdo midiático, em especial no presente estudo, aos esportes de combate.

Referências

ANTUNES, Marcelo Moreira. Uma breve reflexão sobre a história e as funcionalidades das artes marciais na contemporaneidade. In.: ANTUNES, M.M.; ALMEIDA, José Julio Gavião de. **Artes marciais, lutas e esportes de combate na perspectiva da educação física**. Editora CRV, Curitiba. 2016.

BOURDIEU, Pierre. **Como se pode ser desportista?** Questões de sociologia. Lisboa: Fim de Século- Edições, Sociedade Unipessoal Ltda, 2003, p.181-203.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 1997.

BONATTO, Luiz Gustavo; DARIDO, Suraya Cristina. Lutas, artes marciais e modalidades esportivas de combate: uma questão de terminologia. **EFDeportes, revista digital**. Buenos Aires, ano 16, nº 158, julho. 2011.

BORGES, Carlos Nazareno; PORFILHO, Gilberto Otávio Neto de Souza. Produção de significados para o esporte: uma contribuição. **Conexões**, Campinas – SP, 2021.

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. Vitória: CEFD/UFES, 1997

BKFC. About. Disponível em: <https://www.bareknuckle.tv/about>. Acesso em: 06/12/2022.

CORREIA, Walter; FRANCHINI, Emerson. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. **Motriz**, Rio Claro, v.16, n.1, p.01-09, jan./mar. 2010.

COMBATE. Órgão regulatório diz que eventos de boxe sem luvas não seguem o mínimo de regras médicas. COMBATE, 2021. Disponível em: <https://ge.globo.com/combate/noticia/orgao-regulatorio-diz-que-eventos-de-boxe-sem-luvas-nao-seguem-o-minimo-de-regras-medicas.ghtml>. Acesso em: 06/12/2022.

CURTO, Diogo Ramada; DOMINGOS, Nuno; JERÓNIMO, Miguel Bandeira. O processo civilizacional, o desporto e o lazer. In.: DUNNING, Eric. **A busca da excitação**: Desporto e lazer no processo civilizacional. Ed. 70, Portugal. 2019.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro, ED. Contraponto, 2016.

DIAS, Everton de Brito. **Arte marcial: espetáculo, esporte e circo**. Ed. Appris, Curitiba, 2019.

DUNNING, Eric. As ligações sociais e a violência no desporto. In.: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**: Desporto e lazer no processo civilizacional. Ed. 70, Portugal. 2019.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**: Desporto e lazer no processo civilizacional. Ed. 70, Portugal. 2019.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. 2º edição, Editora Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1994.

FABIANI, Nicolás Luis. Violencia estética? Necesidad de un enfoque sistémico .IECE Revista Digital **REFLEXIONES**. Costa Rica, nº 5, 2018.

FOLHA. FOLHA UOL, 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/pensata/eduardoohata/>. Acesso em 06/12/2022.

GREEN, Thomas A. **MARTIAL ARTS OF THE WORLD**. Estados Unidos, editora ABC Clío. 2001.

GODOY, L. **Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga**. São Paulo: Nova Alexandria, 1996.

GUTTMAN, Allen. **From ritual to record: the nature of modern sports**. New York, NY: Columbia University Press, 1978.

IWANAGA, Carla Carvalho; MARANHÃO NETO, Geraldo Albuquerque. O papel das artes marciais em condições especiais. In.: ANTUNES, Marcelo Moreira; IWANAGA, Carla Carvalho. **Aspectos multidisciplinares das artes marciais**. Paco editorial, São Paulo, 2013.

IMDb. Dan Miragliotta. IMDb, 2022. Disponível em: <https://www.imdb.com/name/nm3153034/>. Acesso em 06/12/2022.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: UNIJUÍ, 1994.

LINKEDIN. Jeff Houston. LINKEDIN, 2022a. Disponível em: <https://www.linkedin.com/in/jeff-houston-69104922/>. Acesso em 06/12/2022.

LINKEDIN. Hugo Botelho. LINKEDIN, 2022b. Disponível em: <https://www.linkedin.com/in/hugo-botelho-840701128/?originalSubdomain=br>. Acesso em 06/12/2022.

LINKEDIN. Eduardo Ohata. LINKEDIN, 2022c. Disponível em: <https://www.linkedin.com/in/eduardo-ohata-50b2835a/?originalSubdomain=br>. Acesso em 06/12/2022.

MATTHEWS, Rupert. **A era dos Gladiadores**. São Paulo: Ed. Pé da Letra, 2020.

MONTENEGRO, Nara Romero. Processo de esportivização da natação: tempo, espaço e burocratização em competições no litoral de Fortaleza (décadas de 1920-1940). **Cadernos de História**, v. 22, n. 37, nov/2021.

NETO, Flávio Py Mariante; VASQUES, Daniel Giordani; STIGGER, Marco Paulo. Se perder e der show, vai lutar de novo!." MMA e o conceito de esporte. **Movimento**. Porto alegre, v. 27, 2021.

OLIVEIRA, Elias Costa de. As interfaces da prática torcedora pelo mundo contemporâneo: Holligans, ultras, torcidas organizadas e barras bravas. **Esporte e Sociedade**. Ano 15, n 36, dezembro 2022.

PINTO, Luiz Felipe Machado; ANTUNES, Marcelo Moreira. O espetáculo das artes marciais. O que estamos comprando? **EFdeportes**. Buenos Aires, 2021.

PIRES, Kelly; BUNGENSTAB, Gabriel; LAZZAROTTI FILHO, Ari. Análise do discurso de postagens em perfil de jiu-jitsu no instagram: campo e habitus. **Esporte e Sociedade**. Ano 15, n 36, dezembro 2022.

STAR BRASIL. Bare Knuckle Fighting Championship: o que é, regras, cronograma e lutadores. STAR BRASIL, 2022. Disponível em: <https://www.star-brasil.com/novidades/bare-knuckle-fighting-championship-o-que-e-regras-cronograma-e-lutadores>. Acesso em: 06/12/2022.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Metodologia Científica do treinamento desportivo**. Rio de Janeiro: Shape, 2003.

VANOYE, Francis; GOLLOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre análise Fílmica**. São Paulo, Ed. Papyrus, 7^o edição, 2012.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de Boxe**. Rio de Janeiro, Ed. Relume Dumará, 2002.